

Resistências  
Insubmissão e Revolta  
no Império Português

|||||  
casadasletras

ISBN: 978-989-661-207-8

© Mafalda Soares da Cunha, 2021

Direitos reservados  
CASA DAS LETRAS  
uma chancela LeYa, S.A.  
Rua Cidade de Córdova, 2  
2610-038  
Alfragide  
Tel: 21 427 2200, Fax: 21 471 77 37

Editor: Francisco Camacho  
Revisão: Leonor Santos  
Capa: Maria Manuel Lacerda  
Imagem de capa: Johann Moritz Rugendas. *Guerra do Açú ou dos Bárbaros*.  
Cerca de 1820-1825. Aguarela. © D.R.

1.<sup>a</sup> edição: setembro 2021  
Depósito Legal: n.º 486 421/21  
Pré-impressão: LeYa  
Impressão e acabamento: Multitipo

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

This project has received funding from the European Union's Horizon 2020 research and innovation programme under the Marie Skłodowska-Curie Grant Agreement No 778076.

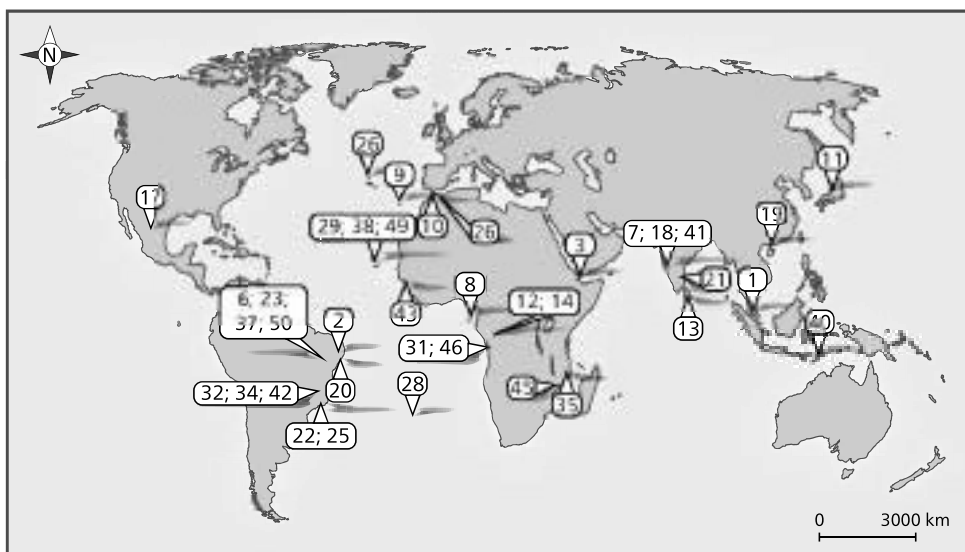
## ÍNDICE

NOTA INTRODUTÓRIA .....	10
1. O ABANDONO DE MALACA EM TEMPOS DE JORGE DE BRITO (1515-1517)   Joana Fraga .....	21
2. BRANCA DIAS (C.1515-C.1588): DE JUDAIZANTE AO PARADIGMA DA VÍTIMA DA INTOLERÂNCIA   Bruno Feitler ....	27
3. A REVOLTA DO REINO DE ORMUZ CONTRA A PARTICIPAÇÃO PORTUGUESA NA SUA ALFÂNDEGA (1521)   Graça Almeida Borges.....	34
4. MOURISCAS DO REINO PORTUGUÊS NO SÉCULO XVI. GÉNERO, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA   Filomena Lopes de Barros .....	41
5. MOURISCOS E RENEGADOS NA LISBOA DO SÉCULO XVI   Filomena Lopes de Barros .....	47
6. DEUS E O PAPA CONTRA OS BRANCOS. A SANTIDADE DE JAGUARIBE E A BAHIA DO SÉCULO XVI   Moreno Pacheco.....	53
7. ALDEIAS DE GOA REVOLTAM-SE CONTRA O IMPÉRIO PORTUGUÊS E A CRISTIANIZAÇÃO (1583)   Ângela Barreto Xavier .....	60
8. AMADOR E A PRIMEIRA GRANDE REVOLTA DE ESCRAVOS DO MUNDO ATLÂNTICO   Arlindo Manuel Caldeira.....	66
9. A HISTÓRIA DE ANA DIAS, «QUE SE PERDEU NO MAR» E A PERSISTÊNCIA DO CULTO JUDAICO NO FUNCHAL   Fernanda Olival .....	71
10. MOTIM EM TÂNGER   Mafalda Soares da Cunha.....	78
11. MORRER PELA FÉ NO IMPÉRIO DO SOL NASCENTE. OS MARTÍRIOS DE CRISTÃOS NO JAPÃO, ENTRE 1597 E 1639   Kevin Carreira Soares.....	85
12. A RESISTÊNCIA DO REINO DO KONGO FACE À «TRAIÇÃO» DO GOVERNADOR DE ANGOLA JOÃO CORREIA DE SOUSA (1622-1623)   Miguel Geraldês Rodrigues.....	93
13. A REVOLTA DOS LASCARINS E DOS MODELIARES NA ILHA DE CEILÃO   Graça Almeida Borges e José Vicente Serrão.....	100
14. ANGOLA: REBELDIA E RESISTÊNCIA DA RAINHA NJINGA   Arlindo Manuel Caldeira .....	106
15. O POVO LEVANTADO CONTRA D. FILIPE III DE PORTUGAL   Mafalda Soares da Cunha .....	113

16. PENITENCIADOS QUE RESISTEM À INQUISIÇÃO   Bruno Lopes..	122
17. PROTESTOS CONTRA OS PORTUGUESES NA NOVA ESPANHA (1641-1643)   Pedro Cardim .....	129
18. MATHEUS DE CASTRO: UM BISPO DE GOA CONTRA O PODER PORTUGUÊS   Ângela Barreto Xavier .....	136
19. ISABEL REIGOTA E A «CONTENDA» DO SÂNDALO   Elsa Penalva .....	142
20. RESISTIR ÀS REDES «MALIGNAS, DANOSAS E PREJUDICIAIS». OS PESCADORES DE ALAGOAS NOS SÉCULOS XVII E XVIII   Arthur Curvelo.....	149
21. A INSURREIÇÃO DO ARCEDIAGO DA SERRA (1653)   Joana Fraga.....	155
22. OS IRMÃOS BARBALHO: CONQUISTADORES E REBELDES NO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XVII   Luciano Figueiredo .....	161
23. A REBELIÃO DOS ÍNDIOS DE NATUBA   Evergton Sales Souza.....	168
24. OS MESTERES DE LISBOA DEFENDEM A IGUALDADE FISCAL (1670)   Pedro Cardim .....	175
25. TRABALHO COMPULSÓRIO E RESISTÊNCIA DOS ÍNDIOS ALDEADOS. CAPITANIAS DO RIO DE JANEIRO E DE CABO FRIO – SÉCULOS XVII-XVIII   Maria Regina Celestino de Almeida.....	182
26. FORMAS DE LER A RESISTÊNCIA   Fernanda Olival .....	189
27. DESACATOS NO MOSTEIRO DE SANTA ANA DE VIANA DO MINHO   Mafalda Soares da Cunha.....	196
28. O NAVIO REBELADO. RESISTÊNCIAS AO TRÁFICO DE ESCRAVIZADOS NO ATLÂNTICO PORTUGUÊS   Cândido Domingues.....	203
29. A IMPOSSÍVEL PUNIÇÃO DOS VALENTES DO JULANGUE   António Leão Correia e Silva .....	210
30. MULHERES NEGRAS PROTESTAM EM LISBOA EM 1717   Cacey B. Farnsworth e Pedro Cardim.....	217
31. REVOLTA DO SOBA QUIOMBELA EM CACONDA CONTRA OS ABUSOS DOS CAPITÃES-MORES DE BENGUELA (1718-1728)   Miguel Geraldês Rodrigues .....	226
32. FILIPE DOS SANTOS E CHICA MINA. O GARIMPEIRO PORTUGUÊS E A ESCRAVIZADA AFRICANA DE VILA RICA QUE LEVANTARAM AS MINAS GERAIS EM 1720   Luciano Figueiredo.....	232
33. MAFRA, TRABALHO FORÇADO E RESISTÊNCIA   Nuno Gonçalo Monteiro e Isabel dos Guimarães Sá .....	239

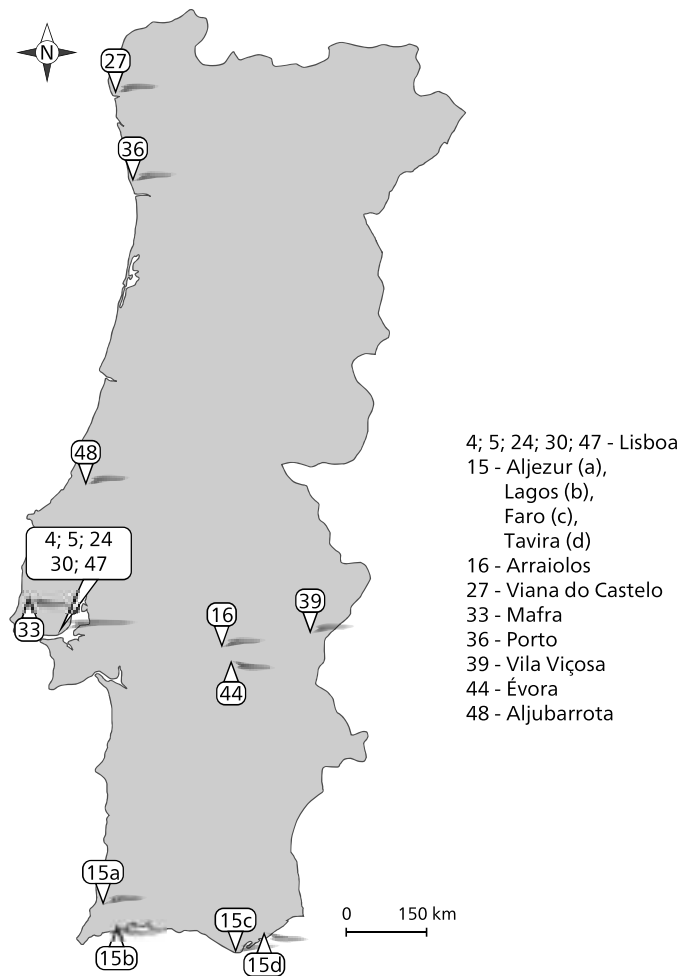
34. REIVINDICAÇÃO POLÍTICA E GOVERNO REPRESENTATIVO EM MINAS   Pedro Cardim.....	249
35. DECLARARAM GUERRA AO MACUA MURIMUNO PARA LHE ABAIXAR A SOBERBA E O ORGULHO, E PERDERAM   Luís Frederico Dias Antunes.....	256
36. «VIVA EL REY! ABAIXO A COMPANHIA!» A REVOLTA CONTRA A COMPANHIA DAS VINHAS DO ALTO DOURO (PORTO, 1757)   Ana Sofia Ribeiro .....	265
37. A MOBILIZAÇÃO COLETIVA NAS VILAS INDÍGENAS NA BAHIA   Fabricio Lyrio Santos .....	273
38. CABO VERDE: ANTÓNIO BARROS BEZERRA DE OLIVEIRA, «ABSOLUTO RÉGULO» DA ILHA DE SANTIAGO   Arlindo Manuel Caldeira .....	280
39. O HOMEM QUE DEU COM UM PAU EM D. JOSÉ E NO SEU CAVALO (VILA VIÇOSA, 1769)   Nuno Gonçalo Monteiro.....	287
40. A «GUERRA DOS DOIDOS» EM TIMOR-LESTE (1776-1786)   Ricardo Roque e Luísa Coutinho .....	294
41. UMA REVOLTA À «AMERICANA»: A CONSPIRAÇÃO DOS PINTOS DE 1787 (GOA)   Ângela Barreto Xavier .....	302
42. A MAIS FAMOSA CONSPIRAÇÃO DO BRASIL FICOU POR ACONTECER   Roberta Stumpf.....	308
43. AS CONTAS DE UMA REVOLTA A BORDO. O TRÁFICO DE ESCRAVOS E A VIOLÊNCIA DA DESUMANIZAÇÃO   Jorge M. Pedreira .....	314
44. ATRIBULAÇÕES DE UM ARCEBISPO NA VORAGEM DA DESORDEM. ÉVORA E BEJA, 1808   Jorge M. Pedreira.....	322
45. D. ANA PERANTE OS SEUS ÉMULOS: MULHERES E RESISTÊNCIA EM TERRAS DO VALE DO ZAMBEZE   Eugénia Rodrigues.....	329
46. AS MULHERES QUE RESISTIRAM À CAPTURA E À ESCRAVIZAÇÃO EM BENGUELA NO SÉCULO XIX   Mariana P. Candido.....	336
47. AS VENDEDEIRAS DE LISBOA E A NOVA «OPRESSÃO» LIBERAL, 1820-1823   Miguel Dantas da Cruz .....	344
48. A OUTRA BATALHA DE ALJUBARROTA. AS RESISTÊNCIAS AO SENHORIO DO MOSTEIRO DE ALCobaça NO PRIMEIRO LIBERALISMO (1820-1824)   Nuno Gonçalo Monteiro .....	351
49. A REVOLTA DO BATALHÃO AÇORIANO (MARÇO DE 1835). VILA DA PRAIA, ILHA DE SANTIAGO DE CABO VERDE   José Silva Évora.....	359
50. A REVOLTA DOS MALÊS NA BAHIA, 1835   João José Reis ....	366
BIOGRAFIAS .....	372

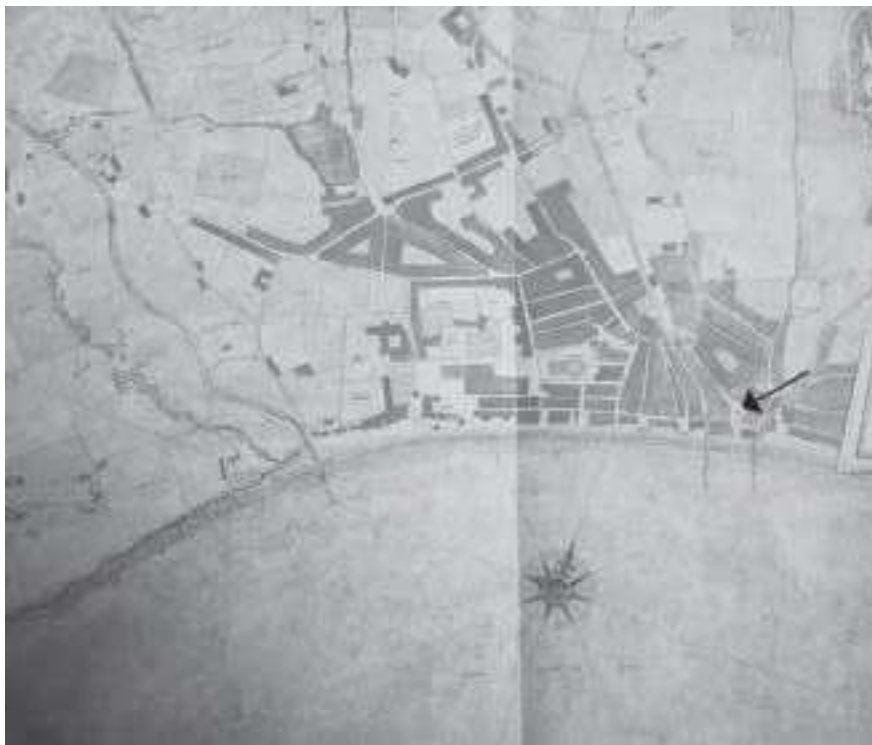
## LOCALIDADES DE INSUBMISSÃO E REVOLTA



- |                                    |                                     |
|------------------------------------|-------------------------------------|
| 1 - Malaca                         | 20 - Capitania de Alagoas           |
| 2 - Capitania de Pernambuco        | 21 - Malabar, Índia                 |
| 3 - Ormuz                          | 22; 25 - Rio de Janeiro             |
| 6; 23; 37; 50 - Capitania da Bahia | 26 - Ilha da Flores (Açores), Argel |
| 7; 18; 41 - Goa                    | 28 - Oceano Atlântico               |
| 8 - São Tomé e Príncipe            | 29; 38; 49 - Cabo Verde             |
| 9 - Ilha da Madeira                | 31; 46 - Benguela, Angola           |
| 10 - Tânger                        | 32; 42 - Vila Rica do Ouro Preto    |
| 11 - Japão                         | 34 - Capitania das Minas Gerais     |
| 12; 14 - São Salvador, Angola      | 35 - Itoculo, Moçambique            |
| 13 - Ceilão/Sri Lanka              | 40 - Timor                          |
| 17 - México                        | 43 - Bissau                         |
| 19 - Macau                         | 45 - Sena, Moçambique               |

## LOCALIDADES DE INSUBMISSÃO E REVOLTA





Planta do Funchal no século XVI. A seta assinala a Praça do Pelourinho, onde morava Ana Dias, «que se perdeu no mar».

Planta do Funchal de Mateus Fernandes (c.1570). In: Rui Carita, *História da Madeira (1566-1600)*. 1991, vol. II. Funchal, p. 208.  
© D. R.



## 9. A HISTÓRIA DE ANA DIAS, «QUE SE PERDEU NO MAR» E A PERSISTÊNCIA DO CULTO JUDAICO NO FUNCHAL

Fernanda Olival  
Universidade de Évora – CIDEHUS



Nas últimas décadas do século XVI, o Funchal tinha a feição de uma urbe agro-mercantil, aninhada junto ao mar, na desembocadura de três grandes ribeiras, que desciam a encosta. Albergava perto de 10 mil habitantes (Pinto e Rodrigues, 2013: 31), muitos deles a morarem em casas de telha e até sobradadas. Algumas eram mesmo altas para a escala de cidade, com dois sobrados. Na sua linha costeira, com articulações para o interior, tinham acabado de ser erguidas grandes fortificações, para evitar os ataques de corsários e piratas, que nessa altura empestavam o Atlântico e atacavam os povoados, como acontecera ao Funchal em 1566. Como revela a planta de Mateus Fernandes (1567-1570), a centralidade do burgo deslocava-se, por essa altura, cada vez mais de Nossa Senhora do Calhau para oeste, abraçando a catedral. Pouco adiante, já surgiam muitas hortas e canaviais, mesmo perto da linha que bordejava o mar, pois ao subir da encosta, mal se passava a Rua das Pretas e a Carreira dos Cavalos, as terras de cultivos eram largamente dominantes.

Nesta cidade viveu, até 1588, Ana Dias. Era filha de pais castelhanos que, nos meados da década de 1540, se teriam fixado na Madeira, talvez acompanhados de alguma

parentela, ou na sequência destes se terem estabelecido na ilha. Certamente vinham atraídos pela vitalidade comercial da urbe, ainda marcada pelo negócio do açúcar para mercados distantes e às vezes de algum vinho. O seu pai, Diego Álvares, era mercador e foi rendeiro dos moinhos no Funchal. Pelo menos na fase final da sua vida, habitava na Rua dos Mercadores, paralela ao mar, a artéria de maior bulício comercial e onde afluíam comerciantes estrangeiros, na descricção das *Saudades da Terra*, de Gaspar Frutuoso.

É provável que ela, Ana Dias, ou tenha nascido nas proximidades de Badajoz ou em Olivença, pois teve irmãos batizados nestas localidades, contíguas à fronteira, e que também vieram para a Madeira. A hipótese mais provável teria sido, contudo, Olivença, pois ela seria uma das mais novas da prole e os seus irmãos mais moços vieram ao mundo naquela localidade.

No Funchal, Ana Dias casou com um lavrador da cidade e também mercador, chamado Rodrigo Fidalgo. Antes de enviuar, dele teve pelo menos três filhas e dois filhos que chegaram à idade adulta. O casal fixara residência no núcleo urbano, na Praça do Pelourinho. Com eles também coabitava, talvez desde cerca de 1580, Isabel Rodrigues, filha bastarda do marido e que seria praticamente da mesma idade da sua filha mais nova. Vivia com eles também Leonor Álvares, irmã solteira de Ana Dias que teria um aleijão num braço. Para além disso, sob o mesmo teto ainda haveria pelo menos um mulato escravo chamado Sebastião de Góis.

Como era usual em muitos agregados de cristãos-novos desta época, Ana Dias foi muito diligente a ensinar alguns preceitos judaicos, designadamente a prática de jejuns, às suas filhas e sobrinhas. O seu marido era um adepto do mesmo credo, pelo que tudo foi facilitado. Não teve ela, porém, o mesmo sucesso com os seus dois filhos varões, embora tivesse tentado convertê-los. No entanto, a eficácia do seu proselitismo judaico ultrapassou a esfera do parentesco.

Na década de 1570, a sua casa já acolhia diversas pessoas que passavam o dia inteiro sem ingerir alimentos. Apenas comiam, à noite, peixe, empadas e coisas doces, como marmelada ou apenas peixe. Os jejuns eram feitos como meio de interceder na resolução de vários problemas do quotidiano, do próprio ou de parentes e amigos. Assim se enfrentavam os riscos das viagens pelo mar, as demandas judiciais, a doença, a falta de recursos e até a salvação da alma dos defuntos, entre outras provações (Olival, 1993: 510).

Aos sábados, em torno dos anos de 1586-1587, a casa sobradada e com quintal da entretanto viúva Ana Dias enchia-se de gente para uma festa. Imita uma confraria, com mordomas e mordomos, eleitos por um mês. A estes organizadores cabia-lhes tirar esmolas durante o festim, supostamente para a cera consumida. Pelo menos 15 mulheres e cerca de 6 homens, todos cristãos-novos, frequentavam o evento semanal, à boca da noite. Pontualmente, um ou outro cristão-velho da vizinhança também ali acorria. A reunião poderia envolver quase 30 pessoas em muitos sábados, com predomínio das mulheres, fossem elas fanqueiras, conserveiras ou sem ocupação identificada. As relações eram cimentadas pela genealogia religiosa, o parentesco, a vizinhança e as próprias ocupações. Mesmo alguns homens cruzariam a lavoura de cana sacarina, com a transformação do produto e o comércio exportador, muitas vezes feito em associação. A especialização era muito relativa e interagiam muito uns com os outros. As próprias conserveiras laboravam no seu espaço doméstico e dependiam do fornecimento de matéria-prima, feito por elementos do sector mercantil, que também recolhiam o produto transformado. A maioria dos cristãos-novos que ali se juntava pertencia a estas atividades ligadas ao mundo do negócio, nas suas várias decorrências.

Fossem símbolos materiais ou tópicos discursivos, usados ou não espontaneamente para dissimular as celebrações judaicas, é de salientar o sincretismo de muitos elementos

daquelas festas em casa de Ana Dias. A resistência gerara esses cuidados ao conviver com a maioria plenamente católica, numa cidade insular, onde praticamente todos se conheceriam. Agiam com cautelas e com consciência, como mais tarde confessou Nicolau Nunes, cristão-novo: «estando assim todos na dita casa praticaram na guarda dos sábados e disseram que iam ali aquela salve pelos poderem melhor guardar e não serem sentidos» (ANTT, 6991: 213). Pendurado num prego, a sala teria ao fundo, diante da porta, um painel pequeno de Nossa Senhora com o Menino ao colo, trazido de Lisboa pelo filho de Ana Dias, Diogo Álvares, segundo explicavam as irmãs. No meio, haveria – atravessada – uma grande arca de pau, o móvel mais comum nas casas deste período. Era uma caixa alta e comprida, revestida com um pano ou uma alcatifa. Sobre esta era colocada uma vela acesa num castiçal. A sala tinha ainda uma mesa com um cravo e, além de muito alumiada, costumava ser perfumada «com pastilhas e pivetes» e enramada. Para o efeito, mesmo quando chovia muito, um sobrinho com cerca de 15 anos e um criado de 9 ou 10 anos do pai do jovem levavam ramos de plantas odoríferas para esta decoração: louro, faia e murta. Eram colhidos na zona do Guarnel dos Moinhos, o que seria facilitado pelo facto de o pai do rapaz, chamado Fernão de Álvares, irmão de Ana Dias, ser rendeiro dos moinhos, tal como fora o seu progenitor. Por vezes eram os escravos que tratavam desta tarefa. Num tempo em que da rua vinham cheiros nauseabundos, os espaços de festa diferenciavam-se por odores salutares e perfumados.

A julgar pelas várias descrições dos que participaram nesta «salve-rainha», como às vezes era designada a festa em causa, o cenário só ficava completo com mais três elementos. Em primeiro lugar, os convivas. Apresentavam-se com vestuário que não pertencia ao habitual para um dia de trabalho, num tempo em que mudar para roupa lavada geralmente só acontecia ao domingo e como forma de higiene:

as mulheres «estavam enfeitadas e toucadas de lavado, e vestidas de bons vestidos, e os homens também em camisas bem alvas» (ANTT, 12143: 4). «Ir de lavado» era quase obrigatório para marcar a diferença; constituía um imperativo e muitos participantes mencionavam esse facto. Algumas mulheres inclusive exibiam joias. Tudo isto equivalia a «guardar o sábado». Em segundo lugar, as filhas de Ana Dias ofereciam doces, que preparavam na véspera. Por fim, nesta celebração dos sentidos, ainda havia música. Diogo Álvares, filho de Ana Dias, tocava cravo e outra filha (Leonor) cítara, a que se juntaria o canto. A pretexto de se homenagear a Virgem, praticava-se o judaísmo.

Com este evento, que só conhecemos pelas denúncias e pela repressão, Ana Dias e a sua casa ter-se-iam transformado num espaço de referência no que toca à prática do culto judaico na cidade. Não seria a única a proporcionar espaço para jejuns ou a manter uma candeia acesa nas noites de sexta para sábado, mas era a mais referida por estes cristãos-novos insulares. Inclusive, quando em fevereiro de 1588 foi presa pelo bispo, depois de denunciada pelos seus dois filhos varões por não a verem ingerir carne de porco, várias mulheres fizeram um jejum por ela. Fizeram-no num dia em que Maria Rodrigues, cristã-nova, prima do marido de Ana Dias, viera a sua casa ajudar as filhas e enteada a preparar biscoitos. Juntaram-se ainda mais duas cristãs-novas «e disseram umas às outras que jejuavam aquele dia por guarda da lei de Moisés pela prisão da dita Ana Dias» (*ibid.*: 51). Certamente faziam-no com o intuito do «Deus do Céu», como diziam, proporcionar a sua libertação. Não foi, porém, isso que ocorreu. Ana Dias foi enviada rumo ao Santo Ofício em Lisboa e na mesma caravela, dita de *Sesimbra*, ia o seu filho mais velho. Naufragaram e não houve sobreviventes. Pensa-se que terá sido pouco depois da partida, passando a Ponta de São Lourenço. É que dois dias após a largada houve uma grande tempestade e, nessa sequência, acharam-se alguns

barris de conserva que se presumiu serem da embarcação. A protagonista desta história ganhou assim o epíteto da Ana Dias «que se perdeu no mar», conforme a referiam no Funchal as pessoas coevas. Não terá resistido às forças da natureza no Atlântico e a Inquisição teve de se limitar a queimá-la em estátua, pois Ana Dias em pessoa nunca chegou ao Santo Ofício.

Referências:

- Arquivo Nacional da Torre do Tombo. *Inquisição de Lisboa*, processos: 1663, 2016, 3135, 4382, 4636, 5115, 6991, 7006, 7329, 8308, 8564, 11 739, 11 743, 12 090, 12 143, 12 223, 17 660.
- Arquivo Regional da Madeira. *Casamentos da Sé*, Livro 46, 49.
- Arquivo Secreto do Vaticano, *Congregazione Concilii - Relationes Diocesium*, n.º 352.
- CARITA, Rui (1991). *História da Madeira (1566-1600)*. Vol. II. Funchal: s.n.
- FRUTUOSO, Gaspar (1925). *Livro 2.º das Saudades da Terra*. Editado por Damião Peres. Porto: s.n.
- OLIVAL, Fernanda (1993). «A visita da Inquisição à Madeira em 1591-1592». In: *Actas III Colóquio Internacional de História da Madeira*. Funchal: Sec. Reg. Turismo e Cultura, 493-519.
- PINTO, Maria Luís Rocha e RODRIGUES, Teresa Ferreira (2013). «O povoamento das ilhas da Madeira e do Porto Santo nos séculos XV e XVI». In: SANTOS, Carlota e MATOS, Paulo Teodoro (eds.). *A Demografia das Sociedades Insulares Portuguesas. Séculos XV a XXI*. Porto: CITCEM, 15-53.